

HERBERT DE SOUZA

A miséria da economia e a economia da miséria

A economia nasceu com vocação de Palácio e profunda aversão à pobreza. De terno e gravata, foi ficando arrogante com o tempo, a ponto de banir de sua teoria todos aqueles que não entram em seu cálculo — a maioria da população do mundo e de cada país em particular. Para os incluídos, tudo é economia. Os excluídos foram entregues à questão social e tidos como externalidades ou efeitos nem desejados nem procurados da economia. Algo assim como fenômenos naturais do mundo humano.

Graças ao seu berço de ouro e à qualidade relativa de seus primeiros Smiths (nunca se viu uma teoria com tanto Smith), a economia foi conquistando espaço até ser considerada uma ciência, virar teoria, curso e hoje o principal doutorado para se conseguir emprego de ministro da Economia. Nessa trajetória, o marxismo muito contribuiu com o incenso e a mirra, celebrando a nova filosofia do capital. Tudo se explicaria a partir das bases materiais, do desenvolvimento das forças produtivas, das relações de produção. O mundo havia finalmente construído uma infra-estrutura que explicaria tudo o demais. Foi o assassinato da política em nome da economia política. Enquanto a economia liberal produzia as condições de desenvolvimento político do capital, o marxismo produzia as condições da morte da política, para regozijo do capital.

No Brasil, o auge da economia coincide com o auge da ditadura militar, e não por acaso, mas por necessidade de ambos. Instalada no



Paulo Haddad, Krause, Eliseu e FHC dão os contornos e o ritmo da crise

Palácio, seu lugar preferido, e no autoritarismo, a economia deitou e rolou no atendimento das elites consorciadas, produzindo a mais fantástica concentração de riqueza de nossa História, mobilizando e gerando riqueza de forma espetacular. Ao lado disso e por causa disso, produziu também a mais fantástica massa de miseráveis jamais registrada na nossa vida republicana. Fim do período da ditadura, mas não do autoritarismo instalado na cultura e nas instituições nacionais, a economia continuou gerindo o destino nacional. Com Sarney e Collor completou o que ainda faltava: Sarney conseguiu transferir US\$ 56 bilhões a título de pagamento das amortizações da dívida externa; Collor assaltou a economia, a sociedade e o Estado — foi derrotado nos três assaltos.

No governo Itamar assistimos à manifestação da crise política da economia: Paulo Haddad, Krause, Eliseu e Fernando Henrique dão

os contornos e o ritmo da crise. A política e a economia brigaram o tempo todo.

"Para que serve a economia?", perguntava Itamar a seus ministros. "Para estabilizar, presidente!" "Estabilizar o quê?", insistia o presidente. "Estabilizar a economia, presidente! E além disso, produzir o reajuste estrutural aconselhado pelo FMI e pelo Banco Mundial e assim entrarmos na modernidade!" "Entramos quem?", pergunta de novo o presidente. "Nós!"

O presidente ficou cismando: "De que estão falando? Por que a pobreza virou miséria, por que a inflação não cai, por que meus ministros são tão procurados pelos banqueiros, grandes empresários, por que vivem rindo nas fotos, por que tanta festa, por que tantas críticas a mim e tantos elogios a eles? Afinal, serão eles meus ministros ou eu seu presidente?" O presidente perdia o sono com a taxa de juros. Tinha pesadelos com o BC, a caixa-preta. Os ministros achavam normal. O presidente sofria com a miséria. Os ministros explicavam que, se a inflação fosse controlada, se houvesse retomada do desenvolvimento, se os portos, as portas fossem abertas, se o Estado diminuísse, desse o fora da econo-

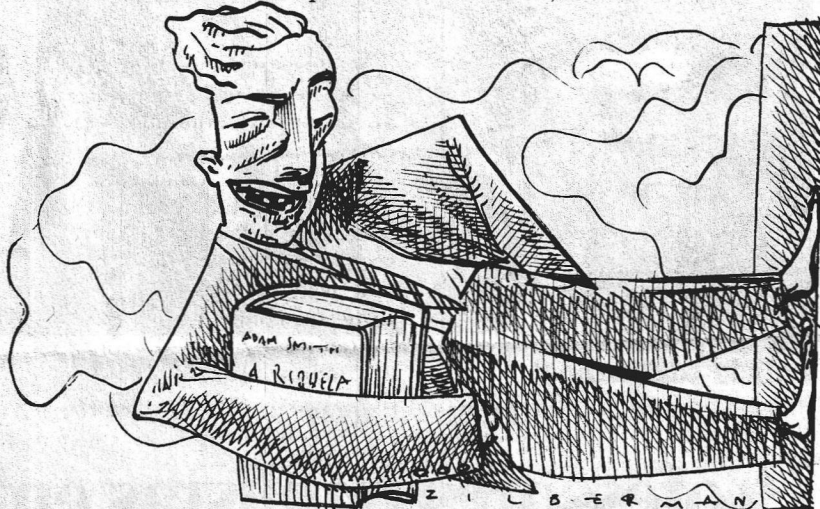
mia, se as estatais fossem privatizadas, se houvesse a reforma fiscal e maior controle dos oligopólios, então, em mais algum tempo do bolo sobraria algo para mitigar a miséria. Afinal, pensar o Brasil sem pobreza e miséria é algo a esta altura impensável. É triste, mas é o que diz a economia.

Na democracia dos tempos de Itamar, a política está em conflito aberto com a economia. A política quer mudar, a economia quer estabilizar. A política quer equacionar os problemas fundamentais da maioria. A economia quer garantir a ordem da minoria fantasticamente rica que controla a riqueza nacional. A política quer acabar com a miséria. A economia quer torná-la administrável e tolerável. A política faz dinheiro. A economia vive lamentando que está *dura*, mas cumpre em dia seus compromissos internacionais. É rica para fora e *pão duro* para dentro.

A política quer transformar a luta contra a miséria na prioridade absoluta. A economia pretende incorporar a luta contra a miséria em seu shopping list de prioridades para apaciar a consciência ética da cidadania.

Enfim, enquanto a economia cuida das coisas dos ricos e a política cuida da miséria, o presidente não dormirá tranquilo e terá sempre pesadelos com a caixa-preta do Banco Central onde estão guardados todos os segredos bancários e extraterrenos.

Como o ministro Fernando Henrique é da raça da política também, ele não escapará desse pesadelo e fará companhia ao presidente até chegar o momento em que uma nova política acabará com a miséria da economia. E que seja logo!



■ Herbert de Souza, sociólogo, secretário executivo do Ibase, coordena o Conselho de Segurança Alimentar